de frases equivalentes, basta substituir-mos uma dada frase alemã ou italiana por uma equivalente em português, para que se obtenha uma tradução exacta. No polo oposto, no polo L, nenhuma frase é rigorosamente traduzível. Ninguém necessita ler o original das obras de Pavlow, por exemplo, para que tenha uma ideia exacta das suas descobertas científicas; mas que ideia correcta poderemos nós fazer da Ilíada sem a lermos no original ?
Donde:

A escrita simbólica da Linguagem das
ciências e a única língua universal

Falham todas as tentativas duma lín-gua universal, preconizada por Leibnitz, tais como o ido, o esperanto, o volapiik, se quisermos que essa língua saia do domínio restrito do polo S.
Ora a única língua universal possível,
a Linguagem das ciências, existe já implí-cita em todas as línguas. «Um italiano do nosso tempo possúe na sua própria língua, todo o pensamento de Euclides, enquanto que não possúe o de tal inglês contemporâneo».

A expressão desta língua, porém, ainda está em embrião: é o simbo-lismo matemático, é o simbolismo quí-mico, que será preciso alargar aos ou-tros domínios da Ciência. A solução do problema está em fazer correspon-der um mesmo símbolo escrito a uma mesma noção na Linguagem das ciên-cias.
Seja num livro alemão, inglês, fran-cês, italiano, espanhol, português, etc, o símbolo H 2

S 0 4

é sempre entendido
por quem ignore qualquer daquelas lín-guas ; um português pensará «ácido sulfúrico», um francês «acide sulfuri-que», etc. Pois bem: teremos uma língua universal das ciências, a única possível, quando tivermos reduzido a símbolos todo o pensamento cientí-fico.
« Fora da escrita simbólica da Lin-guagem das ciências não há solução real» para o problema duma língua universal. «Fora deste domínio, os pen-samentos que pertencem às diferentes línguas, não podem encontrar um ter-reno comum; estes pensamentos não se aproximarão se cada espírito não se habituar a pensar em muitas línguas, ou se as línguas não tentarem aproxi-mar-se, por um humanismo comum».